



O complexo fraterno e suas quatro funções

Luis Kancyper, Buenos Aires*



* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Argentina.

Revista de Psicanálise, Vol. IX, Nº 1, abril 2002 □ 9





Introdução

Não resta dúvida de que a etiologia relativa à formação de uma neurose é altamente complexa. De dentro de sua múltipla casualidade, extraímos – a partir do encontro surpreendente com o material clínico de Marcos, de oito anos de idade – algumas peças essenciais da trama etiológica que permitem ampliar e aprofundar a metapsicologia e a técnica a partir da prática psicanalítica.

O processo analítico de Marcos ofereceu algumas respostas ao assinalado por Freud (1916a): *“Não pretendo sustentar que o Complexo de Édipo esgota o vínculo dos filhos com os pais; este pode ser muito mais intrincado”*.

De fato, este caso representa uma mostra eloqüente da importância nodal que exerce o complexo fraterno tanto por sua própria envergadura estrutural como também por sua articulação com as dinâmicas narcisista e edípica na estruturação e desestruturação das realidades intra-subjetiva, intersubjetiva e transubjetiva.

Mesmo assim, seu estudo nos ofereceu a oportunidade de destacar como as situações traumáticas, não resolvidas dos progenitores, exercem notáveis influxos tanáticos na transmissão intergeracional.

Desenvolverei, pois, os seguintes assuntos:

1. Trauma e repetição nas relações parentofiliais;
 2. Marcos e o insight;
 3. Narcisismo, complexo de Édipo e complexo fraterno;
 4. A ordem do nascimento dos irmãos é o destino?
 5. Rivalidade e protesto fraternos;
- Epílogo: O complexo fraterno e suas quatro funções.

1. Trauma, culpa e repetição nas relações parentofiliais

“Esse é o destino da casa de Lábdaco. Sobre os que morreram há tempo, açoitados por ele, surgem novas desgraças a oprimir os que nascem. Nenhuma geração fica incólume. E vai de geração em geração”.

Antígona, Sófocles

O nascimento de um filho costuma ressignificar certas situações traumáticas dos pais que tinham sido aplacadas durante anos e só obtêm um novo significado a





posteriori, a partir do investimento identificador de suas histórias não processadas em algum de seus descendentes. Desse modo, costuma reinstalar-se a compulsão repetitiva de uma escalada cega de sofrimentos, que finalmente se cristaliza em um inexorável destino de culpabilidade e de necessidade de castigo entre gerações.

Realmente, é possível que os pais só comecem a recuperar alguns capítulos de suas próprias histórias não elaboradas, não integradas, a partir dos efeitos provenientes de determinadas marcas traumáticas com as quais haviam inconscientemente identificado um dos filhos.

O processo da historização desses acontecimentos traumáticos, padecidos pelos progenitores, possibilita refazer o caminho identificatório no filho e inaugurar outro processo fundamental que se opõe à compulsão repetitiva de Tánatos: a desidentificação.

A desidentificação nos progenitores e no filho envolvido com a história de um dos pais pode permitir o reordenamento dessa cegueira identificatória que funciona retendo ambas as gerações em uma repetição a-histórica.

Por outro lado, a nova historização que se consegue no trabalho psicanalítico possibilita desarticular a história em seus elementos, recompô-la, enriquecê-la e dar outros significados e rumos aos traumas. Pode relativizá-los, alterar o sentido e modificar os pontos de impacto das situações traumáticas e das figuras envolvidas nelas. Abre-se assim um leque de conseqüências possíveis e um futuro.

As primeiras entrevistas com os pais e as sessões individuais e vinculares de Marcos confirmaram uma observação analítica de Willy Baranger: “*O trauma não mente. O trauma protesta, exige a repetição, ordena, até que se torne claro. O trauma tem sua memória*” (1994).

O trauma psíquico começa a ter existência em uma psicanálise quando é reconhecido como tal, seja por parte do analisado, ou do analista. Adquire seu estatuto pleno quando ambos percebem que este, antes não nomeado, não datado, não explicitado, teve um papel etiológico determinante em uma série de acontecimentos e de transtornos posteriores. A teoria freudiana do trauma “em dois tempos” permanece nodular em nosso conceito do trauma, tanto na exposição de um caso como na reconstrução do mesmo que realizamos com o analisado. O trauma é inseparável do processo de historização.

O primeiro tempo do trauma (o pré-traumático, poderíamos dizer) recebe seu valor etiológico a partir do segundo, de sua reativação por um acontecimento que pode ser trivial, mas datável e nominável, e pela historização analítica que vincula ambos os tempos. O primeiro tempo do trauma permanece mudo até que a “*Nachträglich’ lhe permita falar e constituir-se em trauma*” (Baranger, M., Baranger, W., Mom, J.) (1987).





Luis Kancyper

Os pais de Marcos solicitaram a consulta de comum acordo com o menino, porque este apresentava uma forte inibição nos esportes e nas suas relações sociais. Era um aluno brilhante, mas sofria devido ao seu isolamento e pelas reiteradas provocações masoquistas dirigidas aos companheiros. Era ridicularizado e maltratado fisicamente no transporte escolar. Esta relação se reeditava com seu irmão mais novo, gerando entre ambos um clima de extrema violência. Os pais se sentiam totalmente impotentes. Não podiam controlar a rivalidade e as situações hostis entre eles. Não podiam estabelecer limites básicos de comportamento, estabelecendo medidas de penitências progressivas que acentuavam a violência familiar.

O temórmetro

A metáfora “*temórmetro*” apareceu surpreendentemente nas primeiras entrevistas que mantive com os pais de Marcos. Foi mencionada pelo pai, engenheiro de trinta e seis anos, para descrever seu habitual estado de ânimo, repleto de temores e controles intermináveis:

Alejandro: – A morte dentro da vida é uma possibilidade muito presente. Me surpreende que ninguém morra jovem. Minha irmã Evangelina morreu aos dezoito anos de infarto, nos meus braços; eu tinha dezesseis. Desde que nasceu teve um problema cardíaco e era asmática. Penso que meus pais não a atenderam bem. Também pouco a mim. Eu nasci com miopia no olho direito que, se detectada cedo, não teria se atrofiado. E olha, aparece um melanoma no olho do meu pai aos 80 anos. Retiraram seu olho e colocaram uma prótese. Ele me disse: – “Paguei o teu olho com um olho meu”. Eu tenho um caminhão de revoltas com os dois, muito mais com meu pai. Nesse caminhão minha mãe vai no chassi, e na carroceria vai o meu pai. Com ele tenho uma revolta muito grande, porque não considera os outros. Meu pai não conversa, dá palestra. Eu sinto que com ele não se pode falar (pausa). Necessito fazer um esforço para que Marcos saia do manual de meus cuidados. Admito ter um cuidado excessivo com ele.

Estela (mãe): – Fico bastante aliviada por estar falando sobre estes assuntos. Porque meu marido fica impossível com os cuidados. Se não faço aquilo que ele acredita, sinto-me como uma mãe que abandona seus filhos. Acho que o Alejandro não pode abandonar é o enroscado que tem com sua irmã (sorri).

Analista: – A que se deve seu sorriso?

Estela: – Sorri porque lembrei de uma coisa que nunca comentei com o Alejandro. Na casa da minha sogra existe uma foto dos quinze anos de Evangelina. Parece coisa de mandinga, mas usei para minha festa de quinze anos um vestido parecido





com o dela e até os mesmos sapatos de verniz. Por isso sorri. Mas continuo a dizer que estou farta das censuras que ele mantém com seus pais. Por isso acho que tem medo que o Marcos possa reclamar-lhe alguma coisa.

Alejandro: – Sim, Marcos tem que me sentir como algo maravilhoso e perfeito.

Estela: – Mas não fala com o Marcos sobre os seus problemas. Diz todos para mim. Para o Marcos não conta nada.

Alejandro: – Então repito quase a mesma relação que mantive e mantenho com meu pai. Continuo calando-me diante deles.

Assinalo ao pai que ele permanentemente olha para seu filho a partir do perigo e da culpa e que também teme que o filho possa chegar a reclamar-lhe aquilo que sua própria criança dentro dele ainda continua reclamando aos seus próprios pais. Também comento com ambos que os temas que surgiram nesta entrevista são de suma importância para podermos compreender alguns aspectos dos conflitos de que padece Marcos e que seria desejável que continuassem a aprofundá-los nas suas respectivas terapias individuais. Na semana seguinte, o pai começa a entrevista:

Alejandro: – Doutor, faz vinte anos que não vou ao túmulo da minha irmã. Minha irmã havia pedido que a cremassem. Colocamos as cinzas em uma urna e a enterramos debaixo de uma árvore no campo. Quando meu avô faleceu, a herança foi dividida e este local ficou com meu tio. Então fomos desenterrá-la e não encontramos a urna. Finalmente, a caixinha apareceu e a trouxemos para um cemitério privado. Depois nunca mais passei por esse lugar. Ontem fui com minha mãe ao cemitério. Ela tem entre cinquenta e cem fotos e tem objetos que eram dela. Os meninos falam da minha irmã como a tia Evangelina (pausa). O assunto do alerta está presente em mim. Reconheço que sou um chato e que pressiono minha mulher.

Estela: – Me deixa louca. Tenho que, diariamente, passar a posição de que tudo está bem e sob controle. Na sexta-feira, quando Marcos foi ao acampamento, perguntou se prestei atenção em como estavam os pneus do ônibus, como era o motorista. Reconheço que antes eu não era tão apreensiva, nem sou tão medrosa. Mas ele faz uma pressão infernal.

Alejandro: – Sim, o cuidado nunca termina em mim, é infinito. Eu tenho um *temórmetro*.

Analista: – Um termômetro?

Alejandro: – Não, *temórmetro*. Tenho o máximo de cuidados, sei que são absurdos e admito que afetam Marcos. Eu meço tudo a partir dos meus temores. Coloco nele todo o tipo de medidas de “insegurança”. Vivo à espera de que alguma catástrofe ocorra, e a realidade ocupou-se de alimentar e dar razão ao meu manual de cuidados.





Luis Kancyper

No ano passado entraram três ladrões na minha casa, me apontaram um revólver e me levaram para o andar de cima. Depois levaram minha mulher. As crianças viam tudo e as trancaram junto com a empregada no banheiro. Diziam: – Em qual criança vamos apontar? Um deles vai morrer. Finalmente levaram as jóias, o dinheiro e nada de mais grave aconteceu.

A iluminação. De que outra forma chamar essa luz trazida pela palavra *temómetro*, que abriu o leque dos vincos da memória do pai avivada por traumas, culpas, recriminações e medos? Este termo teve um forte impacto em mim como analista.

Seus efeitos, em vez de se atenuarem, expandiam-se e convidavam-me a ingressar em um desconhecido combate psicanalítico para romper a repetição nos filhos dos padecimentos que espreitam os pais sufocados por situações traumáticas. O pedido de Estela – Doutor, o Alejandro fica impossível com os cuidados, faz uma pressão infernal. Deixa-me louca. Tenho que passar-lhe um informe diário de que tudo está bem e está sob controle – e a confissão do pai – O cuidado não termina nunca em mim. É infinito. Eu tenho um máximo de precauções que sei que são absurdas e admito que afetam Marcos – ambas as expressões me remeteram à minha metáfora do “*sobremuriente*”¹ e à sua relação com as dores patológicas.

A entrevista com os pais e as sessões individuais com Marcos puseram em destaque os efeitos patogênicos gerados pela doença crônica de Evangelina e por sua morte prematura. Estas foram situações traumáticas por muito tempo padecidas por Alejandro e pelos avós da criança, que permaneceram enquistadas atemporalmente em uma dor patológica.

Existe aqui uma dor por um “morto vivo” que continua estendendo seus efeitos em Marcos e em seu irmão Diego. Esta dor familiar transformou Alejandro, o filho sobrevivente, em um irmão *sobremuriente*. Isto costuma acontecer quando o morto permanece fantasmaticamente habitando e perseguindo os vivos, para primeiro raptá-los e depois conduzi-los para as profundezas do seu ominoso reinado.

O “*sobremuriente*” edifica sua cosmovisão a partir dos alicerces defensivos dos mecanismos de fuga, do controle e do ataque, para preservar-se da castração – morte. Vive para salvar-se através de um reassuramento permanente, para não sofrer o destino do irmão morto. Mas paga seu direito à existência mediante uma quota permanente de sofrimento. Privilegia evitar o desprazer ao invés da busca de prazer, mas nunca acaba de sofrer. E é precisamente a tensão da incerteza que o preserva da total ausência de tensão que rege o princípio de nirvana. Parafraseando os poetas: “morrer a vida, viver a morte”.

1. Optou-se por manter o termo *sobremuriente* no original, visto não se dispor, na língua portuguesa, de um termo que corresponda ao sentido metafórico criado nesta palavra. (Nota da Revisão Técnica)





O irmão *sobremuriente* apresenta uma relação singular com a temporalidade:

“Todo projeto sustenta-se e aponta em direção à dimensão temporal daquilo que está por vir. Mas, o amanhã, no sobremuriente, está invadido pela fatalidade de um passado que o espreita, que não permanece no passado. Porque este tempo pretérito ocupa as três dimensões temporais. Tanto o presente como o futuro encontram-se soterrados por um passado particular. Este passado gera obsessão com sentimentos de pânico, de terror, de indefesa e de inquietude, surgidos pela sobrevivência deste duplo ominoso que perturba a estruturação do processo da identidade no irmão sobremuriente e nos seus descendentes” (Kancyper, 1991).

De fato, Evangelina, como um morto-vivo, alçou-se no eixo central da vida psíquica do pai de Marcos, exercendo suas influências na escolha do seu par e nos seus vínculos com os filhos, chegando ele ao extremo de fraternizar suas funções conjugal e paterna. Deste modo, Alejandro, sufocado de angústias e de culpas edípicas e fraternas não elaboradas, identificou inconscientemente Marcos com falsas conexões, o filho mais velho com o temido e infeliz destino da sua irmã mais nova. O filho mais novo, Diego, permaneceu identificado como seu duplo especular, aparentemente saudável e invulnerável, reforçando em Alejandro os controles e angústias sobre o filho mais velho e despreocupando-se do mais novo.

Esta marcada diferença na distribuição libidinal parental contribuiu, com outros fatores atuantes, para gerar entre os irmãos uma violenta e indominável rivalidade, cristalizando uma eloqüente “divisão do troféu”, uma simbiose pai-filho entre Marcos e Alejandro e outra simbiose mãe-filho entre Estela e Diego perturbando os processos da identidade em ambas as crianças.

2. Marcos e o insight

Marcos é uma criança magra e desajeitada. Tem grandes olhos claros. Seu olhar furtivo é pouco brilhante. O andar é torpe. Manifesta dificuldades para expressar-se no desenho. Porém sua expressão verbal é precisa e fluida. É um leitor ávido e muito formal no seu trajar; gosta de esportes. Conhece em minuciosos detalhes os nomes dos jogadores locais e internacionais de futebol e de tênis. Não pratica nenhum esporte. Tem severas inibições com sua agressividade. Fica paralisado diante de uma bola. Tem dificuldade para socializar-se. Nenhum colega da escola o convida para sua casa. É uma criança isolada e triste.





Luis Kancyper

Marcos é consciente dos seus sofrimentos e deseja resolver seus conflitos. Sua sensível capacidade para compreender os processos psíquicos facilita a aquisição do insight na situação analítica. É um pesquisador de verdades. Tem coragem para enfrentar e resolver os obstáculos. É uma criança tenaz e entusiasta.

Desde o início, estabeleceu-se no campo analítico uma dinâmica transferencial-contratransferencial positiva, acompanhada de uma ativa participação dos pais, quem atuaram como valiosos aliados do processo terapêutico. Ouçamos, a seguir, a voz de Marcos em uma sessão correspondente aos dez meses depois de iniciado o processo analítico:

Marcos: – Eu tenho pai de sobra, tanto pai, pai, pai. Não quero ser seu favorito. Ele está muito grudado comigo. Exagera. Cuidado! que você vai quebrar a sua cabeça, me dizia antes. Ele não jogava futebol, tinha medo de ser machucado. Ele tinha medo que doesse a minha cabeça, que a quebrasse.

Analista: – Tu, antes, também estavas grudado ao teu pai e aos medos que eram dele. Esses medos ficaram grudados em ti e não permitiam que tu jogasses.

Marcos: – Eu tinha medo. Quando vinha uma bola para cabecear, cobria minha cabeça com as mãos e não cabeceava. Não entrava no jogo. Achava que ia me machucar e ia sentir dor. Agora não me acontece isso. Agora, quando a bola vem, cabeceio.

Abre sua caixa de jogos, pega um papel e faz com ele uma bolinha. Diz: – Joga para mim, quero ver quantas bolinhas consigo cabecear.

Arremessei as seis bolinhas, cabeceou quatro bem. Digo que ele quer me mostrar com alegria como estão melhorando seus medos e como se diferencia do seu pai.

Marcos (sentando-se): – Minha mãe não exagera tanto como meu pai; e de mim exigem mais do que de Diego. Comigo os dois são muito mais exigentes. Claro, o filho mais velho é mais exigido. Por que exigem menos do Diego? Isso me dá ciúmes.

Analista: – Os ciúmes são unicamente por isso, ou também por aquilo que me contaste na última sessão, que, segundo tu, tua mãe fica mais com ele.

Marcos: – Eu não vejo que em casa fique mais com Diego, mas sei que ela está com ele e o defende. Quando meu pai sai tanto comigo e não com o Diego, penso: ele está com minha mãe e eu não. E não vou te esconder, quando volto, brigo com o Diego e lhe dou uma surra.

Nesta sessão “ouvimos” os seguintes assuntos:





a) as identificações especulares com o pai;
b) a situação conflituosa com o complexo materno;
c) o primogênito e o segundogênito, suas relações com a rivalidade e o protesto;
d) a função defensiva e elaborativa do complexo fraterno: Quando meu pai sai tanto comigo e não com o Diego, penso: ele está com minha mãe e eu não. E não vou te esconder, quando volto brigo com o Diego e lhe dou uma surra.

Estes assuntos serão ampliados e desenvolvidos teoricamente mais tarde, mas antes transcreverei três sessões individuais de Marcos para evidenciar os passos que anteciparam o seu insight da sessão correspondente ao mês de maio, na qual descobriu e discriminou a presença de uma dupla simbiose familiar.

O insight não é o repentino resplendor que aparece a partir de uma mágica aparição: é produto e conclusão de um paciente trabalho de elaboração no qual tramitam graduais e progressivas transformações. Estas, em um determinado momento, solidificam-se e delimitam-se de um modo súbito, iluminando e discriminando a realidade psíquica.

Para M. Baranger o insight como visão interior estruturada implica discriminação e integração. *“É a discriminação que permite evoluir a estrutura por redistribuição de seus elementos e inclusão de elementos novos em uma estrutura ampliada”* (1956).

A seguir, transcreverei as sessões “O diferente”, correspondente ao mês de fevereiro, e “Menos pai”, correspondente ao mês de abril, nas quais se processaram momentos de mudança que desembocaram, finalmente, na sessão do insight do mês de maio. Nesta última, Marcos comentou: – Havia somente dois membros da família: o pai-Marcos e a mãe-Diego, e faz um mês que somos quatro. Eu antes pensava que Diego estava com minha mãe e eu com meu pai. Agora não. Agora estamos os quatro em partes iguais como em uma família comum. Antes era uma bagunça.

“O Diferente” (fevereiro)

Marcos: – Meus amigos caminham sozinhos pela rua. Eu já fiz dez anos e não me deixam. Prometeram que aos doze vão me deixar. Sinto que nisso sou diferente. Sinto-me diferente dos outros. Quero seguir insistindo naquilo que começamos ontem a falar com meu pai e não pudemos terminar. Para poder tomar banho na piscina do clube, também têm que me vigiar. A metade dos meninos deita às dez e meia e a outra metade às nove e meia. Por que não me deixam ir dormir às dez? E no final de semana só até meia-noite e meia.

Analista: – Tu sentes uma falta de liberdade não só fora de casa, mas na tua própria casa também.





Luis Kancyper

Marcos: – Não na minha casa. Na minha vida. Porque não é só em casa que tomam demasiadas precauções, é em todos os lugares. Há filmes que todos os meus amigos já viram e a mim não deixam. Todos viram *O Gladiador* e disseram que era ótimo. Mas meu pai diz que ele precisa assistir antes, para saber se pode ser bom para mim.

Analista: – Acho que tudo isto que tu estás me contando te produz uma raiva tremenda.

Marcos: – É, está na cara que sinto raiva.

Analista: – Sim, mas a escondes diante do teu pai e a descarregas finalmente sobre teu irmão.

Marcos: – Pode ser.

Analista: – Mas se brigas com teu irmão, não enfrentas e não falas com quem deverias e assim teus problemas prosseguem sem solução.

Marcos: – Sim, pode ser.

Analista: – Eu me pergunto, Marcos, se também não te animas a me dizer coisas que te desagradam em mim.

Marcos: – As que não são importantes não te digo. E é verdade que às vezes as digo, mas quando já não agüento. Algumas coisas te escondo. Ou te digo depois de um tempo, mas ao final chego a te falar.

Analista: – E por que para os teus pais não dizes o que pensas e sentes? Tu sabes, tens claro o que está te acontecendo.

Marcos: – As digo para ti. Antes as escondia totalmente. Não dizia nada a ninguém. Agora que estou contigo em tratamento, pelo menos, as digo para ti.

Analista: – Mas hoje vemos que, às vezes, adias para me dizer certas coisas e com teus pais não te animas.

Marcos: – Não é que não me anime, é que não quero que eles saibam esse assunto porque penso: o que será que vão pensar de mim!

Levanta a camiseta e mostra-me que, esta semana, acrescentou uma nova tatuagem à coleção que tem sobre a pele. Assinalo que, finalmente, ele se mostra e não me oculta que está desfrutando mais do seu corpo. Mas o que ainda permanece encoberto?

Marcos: – Antes eu sentia que tinha menos corpo do que todos. Agora não, só menos do que dois ou três meninos.





“Menos pai” (abril)

Marcos: – Acho que deu resultado a conversa que tive com o meu pai. Agora não está somente comigo. Também está com o Diego.

Analista: – E isto te faz sentir o quê?

Marcos: – Que tenho menos pai. Mas me sinto melhor. Não é que tenha menos pai, você me entende? Mas que está igual.

Analista: – O que te gerava a diferença com o teu irmão?

Marcos: – Culpa. De que o pai era todo para mim e nada para o Diego. Isto me alivia.

Abre sua caixa de jogos e me convida a brincar Pape-futebol novamente com uma bolinha de papel. Este termo foi criado por Marcos. O “Pape” refere-se ao papel e ao pai. Este jogo da rivalidade com o pai transferido à minha pessoa repetia-se com frequência. Às vezes alternava com outro jogo de competição: o jogo do truco.

Na semana seguinte comenta com um ar de triunfo:

– Ultimamente pude convencer meu pai. Eu queria ir com ele ao campo para ver o jogo da seleção Argentina, e começou a dizer que era perigoso. Mas eu insisti e insisti, e ele aceitou e não aconteceu nada.

Sessão do insight (maio)

Marcos: – Parece-me estranho. Passou uma semana e não sinto a falta deles. Não sei por quê. E mais, quando meu pai vai por três dias ao campo, sinto sua falta, E agora que foram os dois juntos, não sei por que, não sinto a falta deles (pausa). Eu antes achava que o Diego estava com minha mãe e eu com meu pai. Agora não, estão em partes iguais, como uma família comum. Antes minha família era uma bagunça.

Analista: – No que era uma bagunça?

Marcos: – Porque havia só dois membros da família, pai-Marcos e mãe-Diego, e faz um mês ou um mês e meio que somos quatro. Foi depois da semana que falei aqui contigo e com meu pai no consultório e ele entendeu bem.

Analista: – Mas tu também entendeste bem.

Marcos: – Eu já via o problema há tempo. Desde que tu me disseste qual era o problema. Mas ainda bem que o pai entendeu bem e mudou. Também a mãe mudou. Os dois perceberam o que estava acontecendo.

Analista: – Também existe a tua própria mudança. Agora tu falas com eles de frente.

Marcos: – Sim, é verdade. Agora me animo a dizer-lhes o que na realidade





Luis Kancyper

sinto. Antes escondia deles o que me acontecia.

Analista: – E comigo, o que acontece?

Marcos: – Contigo é diferente. O primeiro a inteirar-se dos meus problemas és tu. Depois comecei a contar para eles e agora me animo e falo para eles. E se tenho uma discussão, digo o que gostei deles e o que não gostei de mim também. Também percebo bastante rápido aquilo de que gosto em mim e onde errei. Meu pai me diz que gosta que discuta com eles e a mãe também.

Analista: – E para teus avós, contas teus problemas?

Marcos (ri): – Não. Não conto nada. E se me perguntassem, não contaria meus problemas. Minha avó é muito chata, chata mesmo! É mais rancorosa. Parece uma menina. Fala de qualquer coisa. E no telefone tens que ficar longe porque te deixa tonto. Não termina nunca de fazer perguntas. Não desgruda (pausa). Ontem veio um amigo, Hernán, à minha casa e me disse: - Puxa, pára de brigar o tempo todo com o Diego! Para que vim? Chega de brigar e de se xingar. Ele tem razão, já enchi de brigar com o Diego.

Analista: – Parece que, por um lado, queres ter amigos que não têm nada a ver com aquilo que acontece com teu pai, com a tua mãe e com o teu irmão. Mas, por outro lado, segues batendo no teu irmão e te custa desgrudar dele, parecido com o que acontece com tua avó que não desliga o telefone.

Marcos: – Sim, pode ser.

Analista: – Um amigo pode chegar a ser como uma janela que se abre para o mundo para se poder olhar o que está acontecendo fora da casa, da família.

Marcos: – Sim, claro. É uma companhia nova. Eu quero me divertir. Quero aproveitar o tempo com um amigo para não ficar entediado. É meio estranho o que me acontece com relação ao Diego. Brigo demais com ele sem perceber e não consigo reconhecer. Quero ficar um tempo com a minha família, mas não o tempo todo.

Nesta sessão perfilam-se as discriminações na dupla simbiose familiar. Enquanto antes Marcos permanecia absorto e confuso na indiferenciação, agora, ao confrontar seus pais, começa a se desalienar das identificações alienantes ligadas à história traumática parental e possui uma disponibilidade libidinal para desprender-se do excessivo controle e poder dos pais. Ao mesmo tempo em que começa a romper a relação sadomasoquista fraterna, começa a investir em novas relações exogâmicas através da busca ambivalente dos amigos.

“A amizade é uma relação de irmandade escolhida, não imposta por laços consangüíneos, na qual se desativam os desejos edípicos e fraternos postos em movimento pela aspiração fálica de conseguir ser o herdeiro único e o





filho favorito de um pai-mãe-Deus.

Na amizade se estabelecem relações de objeto exogâmicas, embora com facilidade possam voltar a filtrar-se com os conflitos narcisistas e parentais. Nela, os laços consangüíneos são substituídos pelos laços sublimatórios.

O amigo exerce uma função de acompanhamento nos estados angustiantes de solidão e de situações conflitadas relacionadas com a família e com a sociedade. Ao configurar uma lógica horizontal de uma confraternidade solidária, possibilita processar o desprendimento do poder vertical exercido pelos pais” (Kancyper, 2001).

Na amizade, diferentemente da relação parento-filial e entre os irmãos, é desativada a relação de poder. Esta impede seu surgimento e sua preservação. Pergunta Nietzsche:

És um escravo? Então, não podes ser amigo.

És um tirano? Então, não podes ter amigos.

Para H. Mujica (2000), a amizade engendra singularidade. É a forma que a intimidade adquire quando inclui a distância. Equipara-a com um nó desatado e com um pacto de gratidão que se sustenta, acima de tudo, a partir da consideração do outro. Implica em um deixar-se escolher, uma entrega, mas “sem transformar-me em seu”; inclui os outros, mas sem fusão, nem física, nem espacial.

3. Narcisismo, complexo de Édipo e complexo fraterno

O eu transita e convive entre duas realidades: a realidade narcisista e a realidade derivada da castração. Destas duas realidades é a segunda a que fala, a visível, sendo a primeira a oculta, a mais sutil e fantasmática (Aragonés, 1999).

Nas duas sessões que transcreverei a seguir, aparece a realidade narcisista de Marcos, com seus dois mecanismos da desmentida e da cisão, mecanismos que Freud (1938) descreveu no “Esboço de psicanálise”: *“Formam-se duas posturas psíquicas ao invés de uma postura única: a que leva em conta a realidade objetiva, a normal, e a outra, que, sob o influxo do pulsional, desfaz o eu da realidade. As duas coexistem, uma junto à outra. O desenlace depende da força relativa de ambas”*.

Na primeira sessão a mãe da criança solicita entrar no consultório com ele para informar sobre alguns dos seus comportamentos durante as férias de inverno do segundo ano do processo analítico. Na segunda sessão, que intitulei “Deus, Caim e Abel”, é Marcos quem convida o pai para que assista com ele à sua sessão.

Em ambas fica evidente a trapaça narcisista de Marcos: intra-subjetiva e inter-





subjetiva. Trapaça de uma elaboração intrincada, na qual participa, de um modo inconsciente, a complacência parental, ao entronizá-lo como o inquestionável Rei primogênito que detém um poder unívoco. Por sua parte, Marcos desmente o reconhecimento da *alteridade* como sujeitos discriminados e com direitos próprios e não como meros objetos da sua arbitrária descarga pulsional.

Sessão A: O Sem Consideração

A mãe de Marcos me diz na porta do consultório que gostaria de entrar com seu filho na sessão para comentar alguns fatos ocorridos durante as férias de inverno, porque julga que podem ser proveitosos para o tratamento. Esclarece-me que seu filho aceitou bem a sua proposta.

Marcos: – Lógico. Eu sei que é para o meu bem.

Convido-os a entrarem. Ambos sentam-se tranqüilos, e a mãe dirige um olhar carinhoso a Marcos:

Estela: – Tu sabes que te adoro. Já te falei, e também o fiz aqui, que vejo muitos avanços em ti e que em muitas coisas tu és quase outro menino. Mas, nestas duas semanas, me dei conta de que existem outras atitudes tuas que me preocupam. (dirige-se a mim) Marcos não tem consideração e é agressivo. Não tem consideração comigo, com o Diego, menos com seu pai. Nem sequer pensa como o outro vai reagir.

Não pode ver o seu irmão. Diz-lhe de tudo: Sai, tens um cheiro ruim, não sabes jogar tênis. Manda nele, faz exigências sem piedade – traz isto, traz aquilo – e o outro vai, o abraça, lhe dá beijos, e ele o rejeita. E se não for, o ameaça. Quando falo com Diego, ele interrompe e começa a dizer: – Mãe – mãe – mãe e não me permite continuar falando. (Olha para Marcos. muda o tom da sua voz): Eu te amo. Eu te perdôo tudo porque sou tua mãe e o farei sempre. Mas os outros não têm por que fazer o mesmo que eu. Tu não consideras o momento do outro. Estou no banho e comesas a falar comigo do lado de fora. Falo pelo telefone com uma amiga e falas comigo, como se eu não estivesse fazendo nada (volta a olhar para mim). O que não me entra na cabeça e não consigo entender é porque sente tantos ciúmes do Diego. Meu marido e eu tentamos dar o mesmo tempo para cada um.

Meu irmão mais velho era o coitadinho, aquele que não podia nada. Sempre diziam: “Coitadinho do Lito, pobre Lito que não pode ter uma casa linda como a tua”. E a mim não cuidavam. Descuidavam-se de mim. Nós dois somos especialmente cuidadosos com os filhos. Não queremos que exista essa diferença. O amor é para os





dois. Já o sofremos na própria carne. Ontem fez com que me sentisse muito mal diante da professora de inglês. Tenho dificuldades com os idiomas, e ele diz para ela: – Minha mãe não faz nada. Ela te diz que não pode; mas a verdade é que não faz nada. (Olha-o de novo) Fizeste me sentir mal. É justamente um problema que não consigo resolver e vens colocar o dedo na ferida. Por que tanta agressão comigo? Já não és tão pequeno.

O analista pergunta para Marcos se tem algo a dizer para a sua mãe:

Marcos: – Sim, é assim. Não posso dizer outra coisa. Mas o Diego também me incomoda. Mas, o resto é assim mesmo.

Estela: – Além disso gritou comigo quando estávamos as duas famílias juntas. As crianças brincavam entre elas, e tu ficavas sentado com os adultos. E isso também vejo como uma desconsideração e uma agressão para com teus amigos.

Marcos: – Não me dei conta, interessava-me o que estavam falando na mesa (fica bravo). Mas não o faço premeditadamente. Tu não entendes?

Nesse momento perguntei-me se a desconsideração e desconexão que a mãe de Marcos descreve não teriam certa relação com a qualidade dos primeiros vínculos entre eles e então lhe perguntei como se sentia depois do nascimento dos seus filhos. Respondeu que se sentia mais do que feliz; Marcos foi o rei da casa. Sua chegada representou toda uma comoção familiar. O primeiro filho, o primeiro neto. Então intervenho dizendo a Marcos que, por momentos, se sente como se ainda fosse o Rei, o único que tem direito de falar, de mandar e de dominar todo o território e seus habitantes.

Marcos (ri): – Pode ser.

Estela: – E é avassalador, não deixa nem um lugarzinho para o Diego (olha para Marcos). Eu vou te desculpar tudo porque te amo, eu não sei se teus amigos vão deixar passar as barbaridades que eu agüento e que me machucam.

Mostro para a mãe que amá-lo não é precisamente desculpar-lhe tudo, porque isso é mimá-lo. E que agüentar e ser machucado tampouco são sinônimos de amar.

Estela: – Sim, eu o mimo, agora entendo a diferença.

Marcos (ri): – Entendes? Não me desculpes tudo. (Apóia sua mão sobre a mão da sua mãe e a acaricia com timidez).

Estela: – Antes não era assim. Agora estás mais querido. Mas eu vejo que





Luis Kancyper

nestas férias ficou triste. Não convidou seus amigos. Tem visto muita televisão ou lido a página esportiva dos jornais. Ou fica brincando no computador. Vejo-o muito solitário.

Nesta primeira sessão focaliza-se, com maior precisão, o risco de que Marcos permaneça detido em um funcionamento cindido de sua personalidade, dentro do estado de *“seu narcisismo inicial, que no início inclui tudo”* (Freud, 1914), um estado que lhe confere os direitos inquestionáveis de um Rei sem consideração. O termo “sem consideração”, empregado pela mãe de Marcos, fala-nos sobre as relações narcisistas de objeto do seu filho, nas que desmente a existência e o reconhecimento do outro.

As crenças narcisistas de Marcos da unicidade, de rei, encontram-se ao mesmo tempo reforçadas pela complacência masoquista materna: “Eu vou te desculpar tudo, porque te amo. Eu não sei se teus amigos vão te deixar passar essas barbaridades que eu agüento, embora me machuquem”.

Considero que é função do analista de crianças apontar para os pais a posição sofredora que têm perante seus filhos. Em muitos casos, são os filhos que se colocam ou são colocados no lugar da vítima pelos progenitores. Estes costumam induzir os seus próprios filhos a que assumam o papel sádico complementar de um verdugo, para fazê-los atender à satisfação de seus próprios movimentos masoquistas e narcisistas.

Sessão B: Deus, Caim e Abel

Na sessão seguinte, ao entrar no consultório, Marcos anuncia que seu pai chegará em alguns minutos, pois deseja minha ajuda para esclarecê-lo o quanto é importante discriminar quem é o responsável pelo início de uma briga. Nesta última oportunidade, quem começara a insultar e a jogar os brinquedos fora seu irmão, enquanto ele permanecia tranqüilo em seu quarto, fazendo os temas de casa.

Pergunto-lhe por que precisa que eu esteja presente para poder falar com o pai. Responde-me que ainda há várias coisas que este não aceita e que ele, Marcos, considera injustas, sentindo-se mais tranqüilo para falar das mesmas em minha presença.

Chega o pai e, carinhosamente, diz ao filho que a briga da noite anterior não fora corriqueira, mas sim um verdadeiro desastre, uma espécie de guerra civil. Adverte-o que não permitirá que algo semelhante se repita.

Marcos insiste no fato de que Diego iniciara a briga, tendo rasgado três folhas de sua pasta escolar, o que o obrigara a refazer as tarefas à noite. Se, depois disto, agredira violentamente ao irmão, isso decorrera desta prévia provocação. Nesse mo-





mento, penso que Marcos tenta colocar seu pai no lugar do Deus bíblico para verificar se tem preferência por um filho e condena a ação do outro (Deus – Caim – Abel).

Porém, o pai evita atuar este papel induzido com insistência por Marcos, argumentando que, por não estar presente no exato momento da briga, não iria defender um ou castigar o outro. Considera que ambos são responsáveis pela violência que se desenvolveu. Assinala que Diego pode ter um estilo mais explosivo, provocando cenas escandalosas nas quais grita e atira objetos, mas Marcos é mais incisivo e corrosivo. Demonstra a Marcos a forma como este provoca e despreza o irmão, acrescentando que, nas últimas semanas, o tem percebido mais autoritário com as empregadas da casa.

Intervenho, neste momento, perguntando a Marcos se o convite para que seu pai viesse à sessão não teria o intuito de testar se este continuava mantendo a atitude do “Pai de sobra”, que o preferia de um modo eloqüente, mas que também o deixava no lugar do herdeiro e Rei. Ou se seria, agora, um pai diferente, que imporá normas entre os filhos.

Marcos chora com angústia e diz: – Meu pai é injusto. Intensifica-se seu choro; seu rosto e mãos se retorcem de dor. O pai o contempla com assombro. Olha-me e seus olhos se umedecem. Pergunto: – O que, neste momento, gera em ambos tanta dor? O pai responde: – Dói-me ver como Marcos sofre. Também me encanta ver como me enfrenta. Eu nunca pude fazê-lo com meus pais. Mas seu irmão o adora e ele o rejeita e insulta; isto não pode continuar assim. Não sei se está correto o que acabei de pensar, mas te pergunto, filho: Será que também não debochas de teus amigos e os provocas? (ver Vallino & Macción, 1996).

Marcos pede um lenço para o pai, seca as lágrimas, mas não lhe responde. Mostro a Marcos que sua dor é grande e muito profunda. Talvez porque se sinta cansado com as mudanças de atitude do pai, mas, quem sabe, não teria este choro algo de alívio por ver retirado o peso de ser o eleito e deixar de ser aquele que tem maiores responsabilidades a assumir? Olha-me fixo. Já não chora mais. Não responde.

Analista: – Quais são os benefícios de seguir ocupando o lugar do Rei da casa?

Marcos: – Não há apenas benefícios. O Rei está afastado de todos. Há muitas pessoas que te invejam, que querem te matar. Não tens amigos. O Rei está sozinho. Todo o dia sentado no trono sem fazer nada. A única vantagem é possuir uma riqueza e dominar tudo (chora).

A dor dilacerante de Marcos provém do desgarramento narcisista gerado pelas batalhas de ambivalência que se travam nas dimensões intra-subjetivas e inter-





subjetivas. As intra-subjetivas acontecem pelo conflito que se estabelece entre as instâncias ideais da personalidade: ego ideal, ideal de ego e ego servil. Marcos permanece capturado como um Rei isolado pela vaidade de ser o primogênito. Trapaça narcisista, da qual participa também uma dimensão intersubjetiva do contrato narcisista parento-filial, no qual ambos os consignantários atendem ao mandato de serem o inquestionável “Sua Majestade o Bebê”.

Nesta sessão, presenciamos o início do abandono desta crença inconsciente, o que desperta, em um primeiro momento, desilusão, dor e violência pelo cansaço no não cumprimento de um contrato pretérito, através do qual tinha sido erigido como o natural e único herdeiro e beneficiário do patrimônio parental.

Em um segundo momento, padece uma intensa angústia, porque, por meio de seu insight sobre os benefícios e malefícios de ser o Rei, começa o processo de uma desidealização gradual. De fato, a parte mais secreta e onipotente de sua personalidade, a que ele nutria em complacência com seus pais e avós, começa a ser questionada e a rachar.

“O modo de pensamento narcisista se fundamenta em certezas e afirmações unívocas. O funcionamento narcisista da personalidade não tolera nem as dívidas nem as ambigüidades. Não pode fazer frente à desilusão. O ego idealizado dá provas de uma grande “avidez espaço-temporal” (Resnik, 1977).

O fato de que Marcos comece a tomar consciência do seu ego-Rei e de que seus pais, por sua vez, comecem a romper o contrato narcisista (Aulagnier) sustentado até o presente o faz submergir em um estado confusional e de desamparo e leva seus pais a um trabalho de elaboração complementar; pais e filho se introduzem assim em transitórias situações de incerteza, sofrimento e ternura, até que se instale gradualmente um novo reordenamento das posições familiares.

Lembremos que, na sessão anterior, a mãe transmitira sua preocupação pelas tendências antagônicas de expansão e de introversão de Marcos. Ao relatar como ele agia de forma desconsiderada e invadia o lugar discriminado do outro, alternando com momentos de isolamento e de recolhimento, descreve-nos uma parte do funcionamento narcisista de seu filho.

Em sua tendência à expansão, o ego narcisista apropria-se do espaço e das coisas do mundo circundante, enquanto o outro não é reconhecido como sujeito. A tendência oposta à expansão megalomaniaca é a introversão e retração libidinal, na qual o sujeito se recolhe sobre si mesmo e se subtrai da realidade objetiva.

Estas tendências narcisistas encontravam-se ao mesmo tempo reforçadas desde a dimensão intersubjetiva pela complacência materna “que o entendia, amava e





suportava de um modo incondicional.”

O pai, porém, experimentou uma virada (wendung) nesta sessão. Ao dizer – e ao conduzir-se coerentemente com suas palavras – que não vai mais autorizar que se desencadeie uma nova guerra civil entre seus filhos e ao executar um corte em sua ambivalente identificação narcisista e fraterna com o primogênito, quebra a instalação simbiótica entre ambos: entre o mítico pai-Deus e sua arbitrariedade na eleição de um único herdeiro. Introduce, assim, a lei pacificadora do pai que regula e neutraliza a tragédia narcisista ativada pelo lado tanático dos complexos fraternos.

Outro importante fator a destacar neste caso é o que assume seu irmão Diego. Este trava seu próprio embate narcisista, fraterno e edípico, para também conseguir ser reconhecido e confirmado em sua identidade masculina pelo pai e pelo irmão mais velho.

Diego é aquele que se opõe à desconsideração do pai e de Marcos, combatendo-a com furor. Se tem seu lugar preferencial na economia libidinal da mãe, volta a irromper com violência na dinâmica familiar com a finalidade de quebrar o sistema narcisista parento-filial, que privilegia univocamente o primogênito. Diego permanece, porém, como um mendigo errante e angustiado, sem um lugar disponível e discriminado no espaço mental paterno e fraterno.

Nesta sessão, observa-se de forma eloqüente a intrincada articulação que se estrutura regularmente entre as dinâmicas narcisista, edípica e fraterna (Kancyper, 1998). Sua análise permite-me sustentar que, assim como o sonho representa a via régia para a debelação e estudo do inconsciente, o complexo fraterno representa outra via régia para a debelação, elaboração e eventual superação das ambivalências edípicas e dos paradoxos narcisistas.

4. Algumas conseqüências psíquicas a partir da diferença na ordem do nascimento entre os irmãos

Estou de acordo e torno também minha a reflexão de Freud (1916b): “*A posição da criança dentro da série dos filhos é um fator relevante para a conformação de sua vida ulterior e sempre deve ser levada em consideração na descrição de uma vida*”.

Esta afirmação se vê corroborada na experiência clínica com Marcos.

A mitologia e a literatura também testemunham o papel substantivo que desempenha a ordem do nascimento dos filhos como uma força impulsora que intervé, sob a forma de “protesto fraterno”, na formação do caráter e da neurose e, pontualmente, na gênese e no dinamismo dos processos identificatórios e sublimatórios.





Esclareço que não elevo o protesto fraterno à categoria de único fator que determina uma tipologia fixa, mas sim como um acontecimento de singular importância, junto a outros fatores convergentes, já que todo acontecimento está sobre-determinado e demonstra ser o resultado de várias causas determinantes.

A clínica psicanalítica revela e corrobora que, com notória frequência, costuma ser o irmão mais novo aquele que tenta descobrir, conquistar e cultivar os novos territórios. O mais velho costuma assumir-se como epígono da geração precedente, suportando o ambivalente peso de atuar como o continuador e o defensor que sela a imortalidade de seus predecessores.

O filho mais velho costuma ser identificado, a partir do projeto identificatório parental, como o destinado a ocupar o lugar da prolongação e da fusão com a identidade do pai. Esta identificação é imediata, direta e especular. Além disso, este *topos* identificatório é, ao mesmo tempo, reforçado pelo próprio irmão mais velho com receio, legitimidade e excessiva responsabilidade, interceptando no menor o acesso identificatório com as figuras parentais. Evidencia-se nele um receio quanto a não ser questionado seu exclusivo lugar como único e privilegiado herdeiro perante os subsequentes irmãos usurpadores, gerando-se, em um grande número de casos, “a divisão do troféu filial”. O filho mais velho encontra-se programado como aquele que vem ao mundo para deter as feridas narcisistas do pai e para completá-lo, e o mais moço para nivelar a homeostase do sistema narcisista materno. A experiência psicanalítica nos ensina que a rígida divisão do “troféu dos filhos”, oferecidos como meros objetos para regular a estabilidade psíquica do casal parental, é ponto de severas perturbações na modelação da identidade sexual e na expansão dos processos sublimatórios em cada um e entre os irmãos.

O irmão mais novo exige um percurso identificatório mais complicado para a aquisição de sua identidade sexual, porque, por um lado, permanece excluído de um disponível lugar identificatório com os progenitores – circuito já ocupado e vigiado pelo outro – e pode chegar, através de um desvio, à busca de novas alternativas exogâmicas e afastadas o máximo possível do território da economia libidinal familiar, na qual o irmão mais velho permanece investido como o legítimo herdeiro, ou o reconhecido duplo, por meio da primogenitura.

Este percurso identificatório gera um trabalho psíquico adicional no irmão mais moço, incrementando sua bissexualidade, que pode chegar a sublimar-se, propiciando a criatividade: caminho intrincado para a formação da identidade sexual, mas também propiciador de buscas e de novas incursões nos territórios desconhecidos. O irmão mais novo costuma ser eximido do papel de portador e fiador responsável pela tradição familiar imperante. Enquanto ele pode ser o questionador e o criador, o primogênito, em troca, será o epígono e o conservador.





Em “Psicanálise das massas e análise do ego”, Freud salienta, com base no mito da horda primitiva e nos contos populares, a façanha heróica assumida pelo filho mais novo para separar-se do grupo. No texto que reproduzirei a seguir, podemos deduzir, a partir da metapsicologia, como as relações entre o complexo paterno e o materno e os efeitos do ego ideal e do ideal do ego exercem sua influência nas profundezas da alma do filho mais novo.

“Assim como o pai tinha sido o primeiro ideal do filho varão, agora o poeta criava o primeiro Ideal de ego no herói que quis substituir o pai. O antecedente do herói foi oferecido, provavelmente, pelo filho mais novo, o preferido da mãe, a quem ela tinha protegido dos ciúmes paternos e aquele que, nos tempos da horda primitiva, tinha se convertido no sucessor do pai. Na falsa transfiguração poética da horda primitiva, a mulher, que tinha sido o troféu da luta e a isca para o assassinato, passou a ser provavelmente a sedutora e instigadora do crime.

O herói pretende ter sido o único autor da façanha que, sem dúvida, somente a horda como um todo ousou perpetrar. Porém, como observou Rank, o conto tradicional conserva nítidas marcas dos fatos que assim eram desmentidos. De fato, neles, freqüentemente o herói, que deve resolver uma tarefa difícil, quase sempre se trata do filho mais novo e, não rara vez, daquele que passou por bobo, vale dizer por inofensivo, ante o sub-rogado paterno –, só pode fazê-lo auxiliado por uma quadrilha de animais pequenos (abelhas, formigas). Estes seriam os irmãos da horda primitiva, da mesma forma como no sonho os insetos e os bichinhos significam os irmãos e as irmãs (em sentido pejorativo: como crianças pequenas). Além disso, em cada uma das tarefas que são consignadas no mito e nos contos tradicionais, distingue-se com facilidade um substituto da façanha heróica” (Freud, 1921).

Freud sublinha, neste parágrafo, a importância exercida pela complacência materna na formação da fantasia épica e parricida no filho mais novo. No primogênito, porém, se estabelece preferentemente um contrato narcisista entre o pai e o filho mais velho, no qual prevalecem fantasias de fusão e de especularidade, assinadas pela ambivalência entre a mortalidade e a imortalidade.

Estas fantasias são audíveis nos mandatos impostos pelo tirano Creonte ao seu filho Hemon, na *Antígona* de Sófocles:

Creonte: “Assim, filho meu, convém guardar no coração, antes de tudo e especialmente, os princípios que um pai formula.





Luis Kancyper

Porque esta é a razão pela qual os pais anseiam ter no seu lar filhos totalmente submissos, esses filhos que eles engendram.

Deste modo, para seus inimigos são tremendos vingadores; para os amigos do seu pai, são tão amigos quanto ele.

Pobre daquele que engendrou filhos sem proveito; diga, meu filho, o que consegue senão criar para si mesmo infortúnios e para seus inimigos fonte de desprezo?" (Sófocles).

O primogênito é o primeiro herdeiro que anuncia a morte à imortalidade do seu progenitor e suporta uma maior ambivalência e rivalidade por parte do pai. Este costuma negá-lo através da formação reativa do controle e cuidados excessivos sobre o filho, chegando ao extremo de estruturar entre ambos uma simbiose pai-filho (Kancyper, 1989).

Nesta simbiose, pai e filho alienam-se numa recíproca captura imaginária. Ambos tendem a reencontrar, no outro, uma parte de si mesmo, e entre ambos constitui-se uma relação singular, que envolve os participantes e gera ao mesmo tempo efeitos alienantes sobre cada um. A esta relação denominei relação centáurea, na qual o pai representa a cabeça de um ser fabuloso e o filho o corpo que o continua, completando-o.

As freqüentes identificações narcisistas que costumam recair sobre o primogênito têm um aspecto defensivo para a economia libidinal do pai. Servem para sufocar um amplo leque de afetos que envolvem, além das angústias e dos sentimentos de culpa inconscientes e conscientes, outra série de efeitos hostis, tais como ódio, ciúmes, ressentimento e inveja ante a presença do primeiro filho, que chega como intruso e rival, para provocar sua exclusão e gerar uma desarticulação na regulação libidinal do casal.

Além disso, o estabelecimento das relações de objeto narcisistas parento-filiais desmente a diferença entre as gerações e paralisa o ato da confrontação geracional. Desta forma, o pai tenta perpetuar-se na hegemonia do exercício de um poder atemporal sobre o filho e recusa-se a confirmá-lo como seu sucessor e natural herdeiro, aquele que finalmente chegará a suplantá-lo.

Esta perpétua ambivalência entre a mortalidade e a imortalidade encontra-se já manifesta nos arcaicos conflitos que os patriarcas bíblicos tiveram com seus primogênitos e em suas conseqüências nas rivalidades fraternas. Assim, Abraão abandona Ismael no deserto, Isac não abençoa o primogênito Esaú e tampouco Jacó a Rúben. Este bíblico conflito parento-filial estende seus influxos sobre os vínculos entre os irmãos, gerando, desde suas origens e até nossos dias, a compulsão à repetição dos enfrentamentos mais sangrentos entre as religiões e os povos.





O primogênito é investido como o primeiro suporte do ideal narcisista de onipotência e imortalidade do pai. Recai como um privilégio sobre ele o ego ideal de outro indivíduo através de identificações primárias.

O ego ideal serve de base ao que Lagache (Laplanche & Pontalis, 1971) descreveu com o nome de identificação heróica. Para este autor, a formação do ego ideal tem implicações sadomasoquistas, em especial a negação do outro, correlativa à afirmação de si mesmo. Para Lacan (1976 e 1981), o ego ideal constitui também uma formação essencialmente narcisista, que tem sua origem na fase do espelho e que pertence ao registro do imaginário.

O pai procura recuperar, através do primogênito, o estado chamado de onipotência do narcisismo infantil. Ele o investe como seu duplo especular, ideal e imortal. Ao primogênito são atribuídas identificações preestabelecidas, prontas para usar, enquanto que, sobre o segundo filho, costumam recair idealizações menos diretas e maciças e identificações menos precisas e mais próximas ao ideal do ego do que ao ego ideal parental.

A diferença entre estas duas formações intrapsíquicas é fecunda para salientar a gênese e a função paradoxal do narcisismo parental e seus efeitos sobre as dinâmicas edípica e fraterna.

“O Ego ideal conota um estado de ser já alcançado, enquanto o Ideal do Ego conota um estado de porvir, que é preciso alcançar. Designa uma capacidade ainda não realizada: é a idéia de uma perfeição pela qual o ego deve esforçar-se. O Ego ideal é a idéia do Ego como digno de ser amado em si mesmo, enquanto o Ideal do Ego é a idéia do Ego como digno de ser amado pelo que procura ser (Hanly, 1983, p.192).

Esta diferença entre o ego ideal e ideal do ego entre irmãos promove diferentes posicionamentos dos filhos em relação às responsabilidades que assumem na transmissão e perpetuação da tradição intergeracional. Escutemos os mandatos de imortalidade e de specularidade do primogênito Jorge Luis Borges:.

“Cegamente reclama duração a alma arbitrária, quando a tem assegurada em vidas alheias, quando tu mesmo és o espelho e a réplica daqueles que não alcançaram teu tempo e outros serão (e são) tua imortalidade na terra.”
 (“Inscripción en cualquier sepulcro”) (Borges, 1974).

“Soube, antes de ter escrito uma linha sequer, que meu destino seria literário” (Borges, 1982).





As diferenças entre o primogênito e os irmãos que o seguem geram inevitavelmente entre eles recíprocas e poderosas rivalidades e protestos. Sustento aqui que estas necessitam ser analisadas em exaustivo detalhe, se quisermos evitar que a diferente posição na ordem de nascimento entre os filhos desempenhe psiquicamente outro leito de pedra e uma inexorável marca do destino.

5. Rivalidade e protesto fraternos

Na história clínica “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, Freud (1920) revela-nos a importância que exerce a rivalidade fraterna na determinação da escolha de objeto sexual e no âmbito da escolha vocacional.

Descreve o “retirar-se em benefício de alguém” como a manifestação de uma rivalidade evitada, que não depende só de situações edípicas não resolvidas, mas que implica, além disso, os componentes narcisistas relacionados com a dinâmica paradoxal do duplo, maravilhoso e ominoso, ressignificado através do irmão. Diz Freud:

“Como até agora esse ‘retirar-se em benefício de alguém’ não tinha sido mostrado entre as causas da homossexualidade, nem tampouco em relação ao mecanismo da fixação libidinal, quero trazer aqui uma observação analítica similar, interessante por uma circunstância particular. Conheci dois irmãos gêmeos, dotados ambos de fortes impulsos libidinais. Um deles tinha muita sorte com as mulheres e mantinha inúmeras relações com senhoras e moças. O outro seguiu no começo o mesmo caminho, mas depois não lhe agradava mais caçar no terreno alheio e ser confundido com aquele em ocasiões íntimas em razão de sua semelhança física; resolveu a dificuldade virando homossexual. Abandonou as mulheres em favor do seu irmão, retirando-se em benefício dele. Também tratei de um homem jovem, artista e de disposição inequivocamente bissexual, em quem a homossexualidade se apresentou contemporânea a uma perturbação no seu trabalho. Fugiu, ao mesmo tempo, das mulheres e de sua obra. A análise, que pôde devolver-lhe ambas, revelou que o motivo mais poderoso das duas perturbações – renúncia na verdade – era o horror ao pai. Este tipo de motivação para a escolha homossexual de objeto deve ser freqüente; nas épocas primitivas do ser humano foi realmente assim: todas as mulheres pertenciam ao pai e ao chefe da horda primitiva. Em irmãos gêmeos essa ‘retirada’ desempenha um importante papel também em outros âmbitos, não só na escolha amorosa. Por exemplo, se o irmão mais velho cultivava a música e goza de reconhecimento, o mais moço, musicalmente





mais dotado, logo interrompe seus estudos musicais, apesar de desejar dedicar-se a isso, e é impossível convencê-lo a tocar um instrumento. Este é apenas o exemplo de um fato comum, e a investigação dos motivos que levam a essa 'retirada' ao invés de aceitar uma rivalidade aberta revela condições psíquicas muito complexas (Freud, 1920, p.152).

No “retirar-se em benefício de alguém”, são reativadas entre os irmãos fantasias fraticidas de excomunhão e de gemelaridade. Fantasia esta última na qual existe um único tempo, um único espaço e uma única possibilidade para dois (Kancyper, 1995).

Reinstala-se assim a relação sadomasoquista de um irmão que exerce excessivo controle e poder de submissão obsessivo e perverso sobre o outro irmão. Ao satisfazer sobre este suas moções agressivas, gera-se entre ambos um campo perverso no qual são reativadas as rivalidades edípicas, mas também as fraternas, que não se transpõem entre si. Em ambas intervêm diferentes angústias, sentimentos de culpa e fantasias, que costumam desenvolver-se tanto no irmão mais velho como no mais moço sob diferentes formas de protesto fraterno: conscientes e inconscientes, manifestos e latentes, reprimidos e cindidos.

No protesto fraterno, um dos irmãos manifesta uma agressão franca e uma rejeição indignada para com o outro irmão, que, segundo ele, sustenta um lugar favorecido e injusto. Não oculta sua hostilidade, porque, desde a lógica do seu narcisismo, a presença do outro é vivida como a de um rival e intruso que atenta contra a legitimidade de seus direitos e, ao mesmo tempo, ressignifica o “Homo Homini Lupus” que subjaz na vida anímica.

Nos protestos fraternos, circula uma ampla gama de afetos, fantasias e poderes hostis, não apenas do irmão mais velho para com o mais moço, já que também este último acumula, no tesouro mnêmico de seus afetos, uma intensa rivalidade perante o primogênito, originada pela relação de domínio entre eles durante o período infantil e pelos sentimentos de culpa suscitados a partir dos pactos secretos que cada filho estabelece com uma ou com ambas as figuras parentais. De fato, cada irmão, desde seu diferente lugar na ordem de nascimento, carrega diversos protestos fraternos.

Recordo a reclamação de um analisando que ocupava o “alinhavado” lugar de irmão mais moço na constelação familiar. – “*Minha mãe dizia: ‘O primeiro é bordado, o segundo costurado e o terceiro alinhavado’.*”

Na observação direta com crianças na vida cotidiana, observa-se que o anúncio do nascimento de um irmão provoca uma súbita repulsiva ferida narcisista, acompanhada de encarniçados protestos e rivalidades.





Luis Kancyper

Transcrevo a advertência proferida por uma menina de cinco anos a sua irmãzinha de dois, imediatamente após a mãe comunicar a ambas a chegada de mais uma irmãzinha: – “*Saiba que eu continuarei sendo sempre a mais velha, mas você já não será a mais nova*”.

E, a seguir, transcrevo as diferentes respostas de um irmão de oito anos e de sua irmã de dois e meio, no momento em que a mãe lhes comunica sua nova gravidez.

O filho mais velho exclamou com alegria: – “*Que sorte! Terei um irmão para jogar futebol!*”, enquanto que a pequena baixou o olhar e ficou muda. A mãe duvidou se a pequena tinha compreendido e lhe perguntou: – “*Ouviste bem o que falei? Vamos ver. O que é que a mãe tem na barriga?*” A menina com voz grave respondeu: – “*Um bobo*”. Quando foi ao hospital visitar seu irmão recém-nascido, aproximou-se da mãe e em voz baixa murmurou-lhe ao ouvido: – “*Já saiu o irmãozinho? Depois o colocamos dentro de novo?*”

No sujeito, o protesto fraterno origina-se pela ruptura de uma crença narcisista quanto ao ilimitado poder sustentado por “Sua Majestade o Bebê”. A presença do outro quebra essa crença inconsciente que costuma ser colocada em cena na fantasia que denominei a fantasia do unicato.

“O unicato é uma denominação cunhada no final do século XIX, aplicada ao governo de um único partido reacionário e corrupto. O eixo desse sistema político era uma concepção absolutista de um poder executivo unipessoal que inutilizava e avassalava aos outros, impedindo o estabelecimento de uma oposição organizada” (Romero, 1956, p.188).

Com insólita freqüência vemos que o desejo de permanecer no lugar do unicato conservou-se no inconsciente e abre, a partir da repressão, seus efeitos particulares. Esta fantasia se edifica como o próprio ego ideal – que é um cultivo puro de narcisismo – sobre a base de desmentidas e, em virtude destas, conserva sua existência. Frente à morte, eleva sua pretensão de imortalidade e, frente às angústias do mundo e suas contingências, insiste em sua invulnerabilidade ao perigo. Ele, em si e por si, é digno do amor, do reconhecimento e do poder ilimitado e inquebrantável.

Epílogo: O complexo fraterno e suas quatro funções

O complexo fraterno é um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta em relação a seus irmãos.





Este complexo não pode ser reduzido a uma situação real, à influência exercida pela presença dos irmãos na realidade externa, porque transcende a vivência individual. Também o filho único requer, como todo ser humano, assumir e tramitar os efeitos gerados pela forma singular como este complexo se constrói em cada sujeito.

Podemos diferenciar quatro funções:

- a) substitutiva
- b) defensiva
- c) elaborativa
- d) estruturante

a) A função substitutiva do complexo fraterno apresenta-se como uma alternativa para substituir e compensar o fracasso nas funções parentais.

A substituição pode também funcionar, por um lado, como função elaborativa do complexo de Édipo e do narcisismo e, por outro, como função defensiva contra angústias e sentimentos hostis relacionados aos progenitores, mas deslocados para os irmãos.

A função substitutiva é descrita por Freud (1916) na Conferência nº 21, ao assinalar que:

“...quando estes irmãozinhos crescem, a atitude para com eles sofre importantíssimas mudanças”.

O menino pode tomar à irmã como objeto de amor em substituição à mãe, infiel; entre vários irmãos que competem por uma irmãzinha mais moça, já se apresentam as situações de rivalidade hostil que cobrarão significado mais tarde na vida.

Uma menina encontra no irmão mais velho um substituto do pai, que já não se ocupa dela com a ternura dos primeiros anos, ou toma um irmãozinho mais moço como substituto do bebê que em vão desejou do pai” (Freud, 1916b).

b) A função defensiva do complexo fraterno manifesta-se quando este encobre situações conflituosas edípicas e/ou narcisistas não resolvidas. Em muitos casos, serve para evitar e desmentir o confronto entre gerações, assim como para obturar as angústias.

Esta função defensiva vê-se facilitada em virtude do fenômeno de deslocamento, através do qual são produzidos falsos enlacs que originam múltiplos mal-entendidos; estes se atualizam na experiência clínica, assim como na mitologia e na literatura, por exemplo, na obra teatral *O mal-entendido* de A. Camus (1992).

Com muita freqüência, os próprios pais provocam falsos enlacs entre os com-





plexos paterno, materno e parental com o complexo fraterno e promovem, ao mesmo tempo, competições hostis entre os filhos. “Dividem para reinar”. Desse modo, interceptam entre os irmãos a possibilidade de construir laços fraternos solidários, os quais permitiriam estabelecer-se entre eles um poder horizontal que contrastasse e confrontasse o abuso do poder vertical exercido pelos pais na dinâmica familiar.

c) O complexo fraterno exerce uma função elaborativa fundamental na vida psíquica, não só por sua própria envergadura estrutural, mas também porque colabora no incessante trabalho de elaboração e superação dos remanescentes normais e patológicos do narcisismo e da dinâmica edípica que se apresentam ao longo de toda a vida.

Assim como o complexo de Édipo impõe limites à ilusão de onipotência do narcisismo (Faimberg, 1989), também o complexo fraterno participa na tramitação e desligamento do poder vertical detido pelas figuras edípicas, estabelecendo outro limite às crenças narcisistas relacionadas às fantasias do “unicato”.

Entretanto, o sujeito que permanece fixado em traumas fraternos, não consegue uma adequada superação da conflitiva edípica e permanece em uma atormentada rivalidade com seus semelhantes, que pode cristalizar-se na repetição tanática daqueles que “fracassam ao triunfar”. Nesta conduta, além de atuarem as culpas edípicas não elaboradas, também participam culpas fraternas e narcisistas com suas correspondentes necessidades de castigo consciente e inconsciente.

d) O complexo fraterno possui um papel estruturante e um caráter fundador na organização da vida anímica do indivíduo, dos povos e da cultura.

Participa na estruturação das dimensões intra-subjetiva, intersubjetiva e trans-subjetiva através dos influxos que exerce na gênese e manutenção dos processos identificatórios no ego e nos grupos, na constituição do superego e ideal do ego e na escolha do objeto de amor.

Na parte II da “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914) desenvolve um sucinto panorama dos caminhos para a escolha de objeto. Assinala duas possíveis formas de amar: uma de tipo narcisista e outra conforme o modo de apoio. Na primeira se ama:

- 1) aquilo que se é (a si mesmo);
- 2) aquilo que se foi;
- 3) aquilo que se gostaria de ser;
- 4) a pessoa que foi uma parte de si mesmo.

Quando descreve o tipo de escolha objetal de apoio, sublinha unicamente dois modelos do amar, segundo “...a mulher nutrícia e o homem protetor e as pessoas substitutas que se alinham em cada um destes caminhos” (Freud, 1914), mas não





inclui o irmão ou a irmã como um outro e semelhante que conta na vida anímica do indivíduo, com total segurança, “...como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo; por isso desde o início, a psicologia individual é simultaneamente psicologia social neste sentido mais lato, mas inteiramente legítimo” (Freud, 1921).

Se “...no complexo de Édipo, são conjugados os inícios da religião, ética, sociedade e arte..” (Freud, 1913), é necessário afirmar que o complexo fraterno joga também um papel decisivo nestes inícios.

Os textos freudianos aqui citados e a experiência clínica com Marcos ou “o menino Rei que está sozinho” nos possibilitaram deduzir que o complexo fraterno – através de suas quatro funções – amplia de forma eloqüente as fronteiras de conhecimento sobre os incessantes e intrincados psicodinamismos que intervêm durante a permanente estruturação e desestruturação das realidades psíquica e social. □

Referências

- ARAGONÉS, R. J. *El narcisismo como matriz de la teoría psicoanalítica*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999, p.163.
- AULAGNIER, P. Los dos principios del funcionamiento identificatorio: permanencia y cambio. *Revista Argentina de Psicopatología*, V. II, Nº 8, p.7.
- BARANGER, M. Fantasía de enfermedad y desarrollo del insight en el análisis de un niño. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 1956, T. I, Nº 2, p.166.
- BARANGER, M., W. y MOM, J. El trauma psíquico infantil de nosotros a Freud. *Revista de Psicoanálisis*, 1987, T. 4, p.770.
- BARANGER, W. *La situación analítica como producto artesanal. La artesanía psicoanalítica*. Buenos Aires: Kargieman, 1994, p.460.
- BORGES, J.L. (1923). Inscripción en cualquier sepulcro. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974, p.35.
- _____. (1977). *Todo Borges*. Buenos Aires: Atlántida, 1982.
- CAMUS, A. *El malentendido*. Buenos Aires: Losada, 1992, p.49.
- FAIMBERG, C. Repetición y Sorpresa. *Revista de Psicoanálisis*, 1989, T. XLVI, Nº 5, p.721.
- FREUD, S. (1913). Tótem y Tabú, *A.E.T.* XII, p.158
- _____. (1914). Introducción al narcisismo. *A.E.T.* XIV, p.87.
- _____. (1916). Conferencia Nº 13: Rasgos arcaicos e infantilismo del sueño. *A.E.T.* XV, p.189.
- _____. (1916). Conferencia Nº 21: Desarrollo libidinal y organizaciones sexuales *A.E.T.* XVI, p.304-305.
- _____. (1920). Sobre la psicogénesis de un caso de homosexualidad femenina. *A.E.T.* XVIII, p.152.
- _____. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. *A.E.T.* XVIII, p.67 y 128.
- HANLY, Ch. Ideal del yo y Yo ideal. *Revista de Psicoanálisis*, 1983, T. XL 1, p.192.
- KANCYPER, L. (1989). *Jorge Luis Borges o el laberinto de Narciso*. Buenos Aires: Paidós, 1989, p.35.
- _____. (1991). Remordimiento y Resentimiento en el Complejo Fraterno. *Revista de Psicoanálisis*,





Luis Kancyper

- 1991, T. XLVIII y en: *Resentimiento y Remordimiento*. Buenos Aires: Paidós, 1991.
- _____. (1995). Complejo Fraternal y Complejo de Edipo. *Revista de Psicoanálisis*, 1995, T. LII, N° 3 y en: *La confrontación generacional*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- _____. (1998). Complejo Fraternal y Complejo de Edipo en la obra de Franz Kafka. *Revista de Psicoanálisis*, 1998, T. LV, N° 2.
- _____. (2001). El Complejo Fraternal trófico y tanático en la obra de J.L. Borges. *Revista de Psicoanálisis*, 2001, T. LVIII, N° 1.
- LACAN, J. Ideal del Yo y Yo ideal. *Seminario I*. Barcelona: Paidós, 1981, p.197.
- _____. El estadio del espejo. *Escritos I*. México: Siglo Veintiuno, 1976, p.11.
- LAPLANCHE, J. y PONTALIS, J. *Diccionario de Psicoanálisis*. Madrid: Labor, 1971.
- MUJICA, H. No se elige, se acontece. *Revista Viva del Diario Clarín*, Buenos Aires, 15/ VII/2000.
- RESNIK, S. Acerca de la depresión narcisista. *Revista de Psicoanálisis*, 1977, T. XXXIV, N° 1, p.146.
- ROMERO, J. L. *Las ideas políticas en la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1956, p.188.
- SÓFOCLES. *Antígona*. México: Porrúa, 1991, p.197-198.
- VALLINO, D. y MACCIÓN, M. Note sul complesso fraterno nei gruppi. *Psiche* V.2, 1996, Roma, p.62.

Tradução de **Traduzca**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz e Lucia Thaler**

Luis Kancyper

Güemes 2963, 10°
1425 – Buenos Aires – Argentina
E-mail: kancyper@sinectis.com.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA

